

N. CLASS. M 371.58
CUTTER V.845b
ANO/EDIÇÃO 2015

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS /MG

PEDAGOGIA

JANIELLEN FURTADO DE MENDONÇA VITOR

BULLYING NA ESCOLA: a relação de gêneros entre meninos e meninas

**Varginha
2015**

FEPESMIG

Registro: 153308
Data: 11/09/15

JANIELLEN FURTADO DE MENDONÇA VITOR

BULLYING NA ESCOLA: a relação de gêneros entre meninos e meninas

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Professora Dra. Terezinha Richartz.

**Varginha
2015**

JANIELLEN FURTADO DE MENDONÇA VITOR

BULLYING NA ESCOLA: a relação de gêneros entre meninos e meninas

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário do Sul de Minas- UNIS/MG, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura, pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em:



Prof.^a Roberta Tavares Cardoso Boareto



Prof.^o Wanderson Vitor Boareto



Prof.^a Dra. Ferezinha Richartz

OBS.:

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me capacitou a cada momento e não me deixou desistir, pela fé e coragem que Ele me deu. A minha mãe, pelo carinho, apoio e suporte dados ao longo da minha vida, para que tudo que tenho planejado possa ser realizado. A todas as pessoas que esperaram pela minha formação torcendo e acreditando que ela seria possível.

RESUMO

O bullying tem sido um dos grandes problemas enfrentados nas escolas. Saber mais como as agressões se manifestam no cotidiano escolar pode ser uma forma de facilitar as intervenções. Este trabalho aborda as diferentes formas de violência que ocorrem na prática de bullying. Tal abordagem se faz necessária devido ao fato de que as ações de meninas e meninos são pautadas por atitudes diferenciadas, ou seja, a relação de gênero perante à violência não aparece da mesma forma. O objetivo desse trabalho é evidenciar essas ações e reações que se diferenciam também na prática do bullying. Este intento será conseguido mediante à pesquisa bibliográfica. A pesquisa evidenciou que o bullying é um dos fenômenos que mais atrapalham o desenvolvimento do ensino aprendido e a estrutura emocional da criança. A agressividade entre gêneros se diferencia quanto à maneira de se expressar e se faz presente desde a infância.

Palavras-chave: Violência. Bullying. Diferenças de gêneros.

ABSTRACT

The bullying has been a great problem to schools. To know how offensive acts in the schools happen everyday can be a good way to facilitate interventions. This paper work is about the different ways, that bullying practices happen. Such subject is important because the boys and girls's acts happen in different ways, so, the gender is related to bullying practices. The target is to find evidence of these acts and reactions, where also there are differences in the bullying practices. This proposed just can be done with a bibliography search. The search showed that the bullying is one the event that more interfere in the development in the way it manifests and exist since child wood.

Keywords: Violence, Bullying, Gender differences.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A ORIGEM DO BULLYING	11
2.1 Os bullies	14
2.2 O Cyberbullying	19
3 OS DIFERENTES TIPOS DE BULLYING	21
4 BULLYING E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO	24
5 O PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE AO BULLYING.....	30
5.1 Como combater o bullying e o cyberbullying	32
6 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

I INTRODUÇÃO

Ao tratar da realidade escolar, não podemos deixar de lado a problemática do bullying que será trabalhada no decorrer deste trabalho. A violência cresce a cada dia e tal situação afeta diretamente a questão educacional dos nossos filhos.

O bullying é uma questão atual e não deixa de ser um problema. Muitas vezes o mesmo é visto como simples brincadeiras que disfarçam com o propósito de maltratar, humilhar e intimidar suas vítimas.

Vivemos em um país com uma enorme diversidade de paisagens, ecossistemas, culturas regionais que apresentam uma rica aquarela musical, literária, gastronômica. E o Brasil faz parte de um mundo igualmente multifacetado. Sair do olhar empobrecido do preconceito e das ações discriminatórias nos permitirá celebrar a riqueza da diversidade e integrar as diferenças para aproveitar de modo mais integral a humanidade de todos nós. (MALDONADO, 2011, p. 75)

Muitas das vezes o bullying é mascarado e encarado como “brincadeira”. Brincadeiras essas que podem desencadear uma série de transtornos na vida dos sujeitos que sofrem bullying no ambiente escolar.

A criança ao ser matriculada na escola se insere em um mundo totalmente desconhecido para ela; pessoas que antes não faziam parte do seu cotidiano, da sua rotina diária e não pertenciam ao seu ambiente familiar. Esse fato apresenta um grande desafio para a mesma, pois muda os seus modelos, padrão de convivência, deixando-a exposta a tal violência.

Busca-se com a pesquisa bibliográfica detectar onde estão as falhas e, posteriormente, sensibilizar a comunidade educativa ao respeito mútuo, contribuindo para a formação de cidadãos melhores e preparados para o mundo, segundo Gil:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. (2009, p. 50).

O bullying é a forma de violência contra crianças e adolescentes, seja no contexto familiar, escolar ou social; praticando-se agressões físicas, psicológicas ou morais, que acarretam consequências permanentes ou transitórias no indivíduo. É por

isso que a questão norteadora dessa monografia é: quais as diferenças dessa prática entre meninos e meninas?

O bullying afeta diretamente o seio familiar influenciando na questão educacional dos filhos, atrapalhando o desenvolvimento do ensino aprendido e a estrutura emocional e psicológica da criança. Compreendem desde ameaças, xingamentos, insultos, apelidos, ou até mesmo o ato de violência física. O bullying pode ser visto sob a perspectiva do agredido, da testemunha ou do agressor que tanto podem ser meninos ou meninas. Neste trabalho será priorizada a análise do sexo do agressor atentando especialmente para o tipo de agressão cometida. Após essa justificativa, serão apresentados, no segundo capítulo, a origem do bullying, abordando os bullies e o cyberbullying, No terceiro capítulo, serão discorridos os diferentes tipos de bullying. Em seguida bullying e as diferenças de gênero. A função da escola no combate ao bullying será desenvolvida no quinto capítulo.

2 A ORIGEM DO BULLYING

A violência só vem aumentando na nossa sociedade e infelizmente podemos dizer que ela vem tomando proporções inesperadas. Os noticiários na TV retratam uma realidade lamentável, a violência vem nos fazendo reféns do medo e da insegurança.

As escolas que antes eram vistas como um lugar totalmente seguro, hoje deixam de passar essa imagem.

A violência no âmbito escolar tem um tipo identificado como bullying e vem sendo uma prática constantemente presente nas instituições de ensino.

De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. (SILVA, 2010, p.21).

O bullying é o nome dado a ações que antes eram percebidas como meras brincadeiras no meio social, escolar e familiar.

Se recorrermos ao dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra bully: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. (SILVA, 2010, p.21).

“O bullying é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola”. (SILVA, 2010).

Tão antiga quanto às instituições de ensino o bullying se faz presente na realidade das mesmas há muito tempo, mas muitas das vezes tal ação violenta denominada bullying era confundida com indisciplina e acabava passando despercebido na esfera escolar,

“O bullying tem sido um problema sério em escolas, há muitos anos. Infelizmente, poucas escolas o reconheciam como uma ameaça permanente para crianças, professores ou funcionários.” (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 87).

O ato de maltratar, xingar, excluir, apelidar, depreciar, difamar, acuar, destruir pertences de um colega, difundir boatos, humilhar, fofocar, acusar, antigamente era visto como o simples ato de brincar, não era consolidado como algo prejudicial para o

psicológico da criança, ou seja para a vítima. Desde a criação das instituições de ensino esse ato de violência já existia entre os alunos, mas se passava despercebido por nós.

“Vivemos em uma cultura em que a violência é valorizada e encorajada, especialmente quando vemos tantos casos de abuso de poder e de atos criminosos que permanecem impunes, em todas as camadas sociais.” (MALDONADO, 2011, p. 7).

A criança aprende, desde pequenina, que a agressividade está presente na sua realidade, através dos desenhos que assiste, dos filmes, dos noticiários que apresentam somente tragédias, das novelas que os pais veem no cotidiano. Isto tudo vem neutralizando de tal forma certos atos que deveriam ser expostos, punidos ou amenizados com ações corretivas, que evidenciam, de forma lamentável, a violência que assombra a nossa sociedade.

O Bullying tem tomado proporções inesperadas, antes era visto como apenas fatos isolados que ocorriam e agora se tornou um problema crônico nas escolas com consequências sérias na maioria dos casos, atingindo todas as partes envolvidas seja aluno, professor ou funcionário.

O mesmo costumava se limitar e era praticado somente em âmbito escolar; hoje essa prática violenta está presente no mundo todo, ou seja, no trabalho, na academia, na igreja, na internet, dentre muitos outros.

[...] trata-se de um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando registrada a nenhuma instituição: primária ou secundária; pública ou privada; rural ou urbana; católica, metodista, evangélica, espírita ou demais religiões. Pode-se afirmar que as escolas que não admitem a ocorrência de bullying entre seus alunos desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. (PROGRAMA, 2005 apud BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 59).

O bullying é um problema serio e oneroso, é um comportamento premeditado, repetitivo, frequente que tem como único objetivo ofender, machucar as pessoas agredidas. E não se faz presente em apenas um tipo de instituição de ensino.

A escola desempenha papel fundamental na formação do caráter do indivíduo ensinando a relação e a convivência com as diferenças, o respeito à hierarquia e esse aprendizado é de extrema importância para o combate o bullying.

O ambiente escolar serve como cenário de vários processos e fenômenos grupais, dentre eles a violência escolar. O termo violência escolar se refere a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos

interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos. (LOPES, 2005 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

A violência tem se tornado cada vez mais frequente no nosso cotidiano e como Maldonado nos diz: “Educar para a paz nos parece uma gota no oceano, diante das grandes dificuldades, anunciadas pelos meios de comunicação e presenciadas no cotidiano, que refletem as várias faces da violência na sociedade e que se manifestam na família, na escola, na comunidade.” (2011, p. 71).

Embora nossas escolas se considerem conhecedoras do assunto, mostram-se distantes com respeito ao ato violento que se denomina bullying e, com cada vez mais frequência, vêm assumindo uma postura ora autoritária, ora omissa, ocasionada por não saberem intervir.

Essa postura de correção e intervenção cabe também aos pais, ou seja, às famílias. Ambos têm um papel fundamental nesse processo de prevenção e combate ao bullying e isso se tornará possível somente quando os mesmos estabelecerem uma parceria.

“A parceria eficaz entre família e escola começa nos alicerces da formação do caráter: a educação em valores. Gentileza, lealdade, cooperação, respeito, solidariedade não são apenas conceitos abstratos e, muito menos, ‘caretas’ ou ‘fora de moda’”. (MALDONADO, 2011, p. 112).

Educar se tornou uma característica da formação oferecida nas escolas, os pais têm passado aos professores uma obrigação que se ultrapassa o encargo de um educador. É fato que muitos valores podem ser passados e ensinados nas escolas, mas a educação vem de berço e muitos pais não sabem e não se prepararam para isso.

A criança pequena é regida pela ‘lei do desejo’: ‘Quero agora, desse jeito’. Uma das tarefas essenciais da família e da escola é consolidar a ‘lei da realidade’: ‘Nem sempre consigo o que eu quero na hora em que peço e do jeito que eu desejo’. São os limites colocados com firmeza, consistência e coerência que facilitam a capacidade de esperar, de tolerar frustrações e de pensar alternativas viáveis aos desejos que não poderão ser realizados naquele momento [...]. (MALDONADO, 2011, p. 113).

Limites devem ser impostos às crianças desde bebês, bem antes de ingressarem nas escolas. O ambiente escolar proporciona vários processos e vivências, dentre elas a violência. Cabe às escolas e às famílias dialogarem, instruírem, ensinarem o respeito às diferenças.

Os bullies são especialistas no uso de técnicas de intimidação. Repetidamente, usam comportamentos que funcionaram com eles no passado para ganhar poder e controle sobre os outros, para estimular suas necessidades de poder ou para fazer com que as coisas sejam como desejam. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 35).

As pessoas que praticam o bullying acham normal assistir à dor, à angústia, à aflição do outro. Não esboçam nenhuma reação, são apáticas, impulsivas, cruéis e buscam a atenção ocasionando situações de constrangimento, dor e sofrimento aos outros. A maioria deles não sabe dialogar, argumentar e solucionar situações de conflitos e usam da força física para intimidar a vítima e de tal forma manter o controle da situação.

Há autores de bullying que só conseguem exercer seu poder com a força do braço porque não desenvolveram a força da palavra para aprimorar seus argumentos e sua capacidade de persuadir os outros a aceitarem suas ideias. São inundados pela própria raiva, não conseguem regular sua impulsividade: querem obter o que desejam a qualquer preço e afirmam que ‘os fins justificam os meios’. Agridem fisicamente para ameaçar, intimidar ou aterrorizar suas vítimas, atacando-as em locais menos supervisionados, como o banheiro da escola ou os corredores das salas de aula. (MALDONADO, 2011, p. 25).

“O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus ‘seguidores’, seu poder de ‘destruição’ ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas.” (SILVA, 2010, p. 43).

O bullie acompanhado ou não, não abdica do poder de afetar as vítimas, sendo que acompanhado de expectadores o mesmo se fortalece ainda mais, fazendo do ato violento, um espetáculo de intimidação e humilhação. Causam dores na vítima pelo simples fato de se divertir, por implicância, inveja, ou para se vingar de algo, mas não algo que a vítima tenha feito, mas sim algo que tenham feito ao agressor.

As pessoas que praticam bullying querem obter poder, controle e reconhecimento do grupo, vantagens materiais ou, simplesmente, se divertir, mesmo que, para isso, causem sofrimento a outros. Apresentam várias características: há as que já foram ou são vítimas em outro contexto e querem se vingar, escolhendo pessoas mais frágeis como alvo. (MALDONADO, 2011, p. 23).





Dificuldades para se relacionar, fazer amizades, se aproximar e cativar pessoas, podem levar o sujeito a se tornar um agressor. Como tática de aproximação usam de práticas depreciativas e abusivas. Assim nos diz Maldonado:

A dificuldade de empatia é outra raiz que alimenta muitas ações de bullying. O agressor pensa que tem o direito de se divertir à custa do sofrimento ou do incômodo que provoca em suas vítimas. Centrado em seu próprio prazer ou na necessidade de conquistar mais poder, não desenvolve uma relação de respeito e de consideração pelos outros e, em alguns casos, nem sequer percebe a extensão e a profundidade dos danos que causa. (2011, p. 29).

O agressor age com frieza, sem pensar nas consequências que suas ações podem acarretar na vida das vítimas, para eles agressão é diversão. Causar dor e desespero ao outro proporciona prazer ao mesmo.

Há pessoas que praticam o bullying como um meio inadequado de fazer contato e conseguir o que desejam: com poucas habilidades para construir bons relacionamentos, 'grudam' na vítima, implicando com ela por meio de apelidos depreciativos ou toques físicos repetitivos e irritantes, garantindo o contato por meio de queixas e reclamações. (MALDONADO, 2011, p. 24).

O bullying pode se agravar por inúmeras situações e tudo pode começar pela extinção de princípios que devem ser ensinados a nós desde crianças. Regras e limites devem ser impostos. Ter tudo a tempo e a hora, ter tudo sempre nas mãos, acreditar que temos o controle de tudo, achar que sempre temos razão e que somos donos da verdade pode fazer do sujeito um possível agressor dessa prática que nada nos acrescenta.

A dificuldade de se colocar no lugar do outro surge em crianças e adolescentes que são tratados como príncipes, com pais e avós que se comportam como súditos, sempre dispostos a realizar seus desejos e a obedecer a seus comandos. Desse modo, crescem com a impressão de que são o centro do universo e de que podem dispor dos outros como bem quiserem. Entram na escola esperando ser endeusados do mesmo modo que são em casa. Prisioneiros de seus próprios desejos, não conseguem ter flexibilidade para fazer acordos e perceber que os outros têm direito a ter desejos que também precisam ser atendidos. Tentam conseguir o que querem a qualquer preço. (MALDONADO, 2011, p. 30).

É de grande importância e de muita relevância o agressor compreender que o mundo não gira em torno de si mesmo, devendo ter a consciência de que como cidadão tem direito mas também tem deveres e nada e nem ninguém os descarrega do respeito ao próximo e às suas diferenças.

As escolas vêm se tornando um círculo vicioso aonde a disciplina, a educação, o respeito, a compaixão, a hombridade, a solidariedade vêm sido esquecidos. É certo que

a cada vez mais os pais passam para a escola a responsabilidade de educar e ensinar valores a seus filhos. Muitos acreditam que a educação é obrigação das instituições de ensino, deixando seus filhos à mercê de suas próprias vontades.

[...] um exercício diário de respeito e de consideração pelo outro. As crianças, desde pequenas, podem ser estimuladas a desenvolver relações de amizade e recursos para lidar com os conflitos e para encontrar soluções satisfatórias para todos. Assim, torna-se possível criar um ambiente escolar em que os episódios de bullying não encontram terreno para florescer. (MALDONADO, 2011, p. 129-130).

O medo leva a vítima a se oprimir e a se fechar num mundinho que se torna somente dela, desconsolada, desmotivada e fragilizada, se isola de tudo e de todos, tornando-se alvo frequente de ações violentas.

O sofrimento provocado pela perseguição do bullying reflete-se também em dificuldade de concentração, queda do desempenho escolar e medo de ir à escola: a criança implora para faltar às aulas, mudar de turma ou ir para outro colégio, com a esperança de escapar dos que a atormentam. Com a persistência dos ataques, quase todas as vítimas se isolam ainda mais, tornando-se arredias, como se desejassem ser invisíveis; algumas se descontrolam, chorando com frequência, evidenciando claros sinais de angústia. (MALDONADO, 2011, p.17).

O bullying não proporciona bem algum, mais inúmeros são os malefícios que esse fenômeno traz para a vida das vítimas.

Muitas crianças e adolescentes sofrem em silêncio, por vergonha de relatar o que está acontecendo: exigentes consigo mesmos, sentem-se incompetentes para resolver o problema por conta própria e temem ser criticados por não conseguirem enfrentar o agressor. (MALDONADO, 2011, p. 89).

O bullying é um fenômeno causador de sérios danos, a vítima do bullying passa a viver com medo de tudo e de todos, se tornam incapazes de se defenderem, se sentem intimidados, arredios, vulneráveis, expostos cada vez mais à condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e alguns casos marginalização.

“O medo, bem como a sensação de impotência e de desamparo cresce quando a criança e o adolescente não encontram na família ou na escola adultos em quem possam confiar para revelar o que está acontecendo.” (MALDONADO, 2011, p. 90).

Muitos agressores são pessoas que já foram agredidas e reagem reproduzindo a linguagem da violência, sem ter tido a oportunidade de encontrar alguém que compreenda os sentimentos subjacentes ao seu comportamento, a mágoa contida, a tristeza oculta, a fragilidade mascarada sob o disfarce da rispidez. (MALDONADO, 2011, p. 141).

A violência de modo geral ampliou-se até mesmo para o cotidiano escolar e parece até fazer parte do currículo das instituições de ensino. Não há mais como negar, o bullying faz parte da nossa realidade. E o mesmo vem sendo o reflexo do que o aluno vivencia em seus lares e em demais lugares.

O agressor usa de vários recursos para avaliar, aproximar e escolher os seus alvos.

Alguns bullies usam o encanto e o engano, e sabem ser muito convincentes. Eles podem se apresentar como gentis, preocupados, engraçados, cuidadosos, simpáticos, empáticos, com controle e 'junto'. Quanto mais ansiosos se tornam, mais precisam defender e aumentar o bullying. Quando se deparam com pessoas dispostas a confrontá-los e responsabilizá-los por seu comportamento, podem usar um ou mais dos seguintes comportamentos defensivos. Eles podem ficar: rancorosos, imprevisíveis, manipuladores, falsos [...]. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 127).

O agressor brinca de "O Mestre mandou"² com suas vítimas, fazendo do mesmo uma marionete, um brinquedo manipulável e sujeito a suas vontades.

As regras que os bullies estabelecem e que seus parceiros seguem são: 'Aguente tudo o que eu descarregar. Não conte a ninguém. Nunca me confronte. Eu tenho permissão para controlar você e lhe fazer exigências que não são razoáveis. Posso responsabilizar você por todas as minhas disfunções, e você deve aceitar essa responsabilidade sem questionar. Você deve me defender contra outros que possam tentar me responsabilizar por meus comportamentos, meus sentimentos e minhas visões. Eu serei poderoso e estarei no controle, e você será impotente e não terá controle. Se você não seguir essas regras, eu machucarei você, deixarei você ou me matarei'. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 105).

O bullies estabelecem as regras, eles comandam o jogo, eles não sabem ser assertivos sem serem agressivos, eles lideram com agressão, usam da força física para conseguirem o que almejam.

Os bullies têm defesas poderosas, crenças distorcidas e habilidades de empatia deficientes. Eles devem ser responsabilizados pelo que fazem e dizem e enfrentar os efeitos que seu comportamento tem em outros, para que estejam abertos às possibilidades de mudança. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 128).

² O Seu Mestre mandou: brincadeira onde é definida uma pessoa pra ser o mestre, ou seja, é escolhida uma pessoa para determinar tarefas para o grupo realizar, o mestre tem o poder e os demais obedecem.

Nas escolas as identidades dos alunos se constroem com a valorização dos atributos de cada um, ou seja, das suas qualidades que os diferenciam dos demais. Fugir do padrão imposto pode ser uma característica determinante na escolha do bullie.

2.2 O Cyberbullying

A tecnologia agrega muitos valores ao nosso cotidiano, mas também contribui com o surgimento de novas formas de bullying.

O cyberbullying é a prática da crueldade online. Com o rápido desenvolvimento da tecnologia, os agressores passaram a criar muitas outras formas de atormentar suas vítimas. A pessoa que, em um momento, é agressor, no momento seguinte pode tornar-se vítima, porque também passa a ser atacada. (MALDONADO, 2011, p. 61)

Mesmo na comodidade da sua casa a vítima pode ser atacada. O agressor do cyberbullying tem a identidade oculta e usa da autoconfiança para promover suas ações.

O cyberbullying caracteriza-se por ataques usando mensagens de texto do celular, câmeras, ou com o computador por meio de redes sociais, sites de vídeo, e-mails com o objetivo de depreciar, humilhar, difamar, fazer ameaças e aterrorizar uma pessoa ou um grupo escolhido como alvo. (MALDONADO, 2011, p. 62)

A internet oferece várias ferramentas que acrescentam e diferenciam as ações do bullie cibernético, ações as quais são fortalecidas por não estarem cara a cara com suas vítimas. O objetivo da tecnologia seria facilitar a vida das pessoas em todas as áreas e ela vem sendo utilizada de maneira errônea e depreciativa nos dias de hoje.

Sem qualquer tipo de constrangimento, os bullies cibernéticos (ou virtuais) se valem de apelidos (nicknames), nomes de outras pessoas conhecidas ou personagens famosos de filmes, novelas, seriados. Os bullies virtuais são, a meu ver, os verdadeiros covardes mascarados de valentões, que se escondem nas redes de 'esgoto' do universo fantástico dos grandes avanços tecnológicos da humanidade. (SILVA, 2010, p.126)

Maldonado nos diz que:

[...] no ataque presencial, o autor é conhecido; no cyberbullying, pode acontecer que o agressor nunca esteja no mesmo espaço físico que sua vítima e consiga permanecer anônimo por muito tempo, atacando em momentos inesperados, por vezes de madrugada, sobressaltando a vítima que está dormindo. (2011, p. 63)

A tecnologia, a internet se usada de forma indevida pode causar sérios danos, a mesma se tornou uma ferramenta onde o agressor do cyberbullying por ter sua identidade oculta, age com mais frieza e sente-se a vontade para atacar.

Outra diferença marcante é que a relação desigual de poder que caracteriza o bullying nem sempre existe no cyberbullying; crianças e adolescentes podem atacar professores; o menino franzino e tímido que apanha dos valentões pode 'crescer' mais do que eles no espaço cibernético e fazer um grande estrago! (2011, p.64)

Na prática do cyberbullying não existe grande ou pequeno, alto ou baixo, gordo ou magro; a internet é uma ferramenta ampla onde não existe timidez, medo de se expressar e dá comodidade para o agressor agir de qualquer lugar, não somente nas escolas.

A seguir serão apresentados os diferentes tipos de bullying.

3 OS DIFERENTES TIPOS DE BULLYING

O bullying é um comportamento premeditado, repetitivo, frequente que tem como objetivo ofender, machucar, humilhar e afetar diretamente ou indiretamente suas vítimas.

“O bullying tem sido classificado em diferentes tipos que incluem o físico, verbal, relacional e eletrônico.” (BERGER, 2007 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 36).

O tipo físico envolve socos, chutes, pontapés, empurrões, bem como roubo de lanche ou material. [...] O tipo verbal inclui práticas que consistem em insultar e atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes. (BERGER, 2007; ROLIM, 2008 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 36).

O bullying físico é aquele que faz uso da força; o verbal é aquele que fica nos insultos e apelidos; o relacional é aquele que afeta as relações da vítima com seus amigos e familiares e o cyberbullying é aquele que usa das redes sociais, e-mails, salas de bate papo entre outros para agredir e ofender as pessoas.

O tipo relacional é aquele que afeta o relacionamento social da vítima com seus colegas. [...] O tipo eletrônico, ou cyberbullying, ocorre quando os ataques são feitos por vias eletrônicas. Este tipo inclui bullying através de e-mail, mensagens instantâneas, sala de bate-papo, web site ou através de mensagens digitais ou mensagens enviadas pelo celular. (BERGER, 2007 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 36).

O bullying se tornou um problema mundial e vem se diversificando até mesmo na sua prática e o mesmo pode ser:

A frequência com que ocorre o bullying varia devido aos costumes e à cultura de cada região. As relações de bullying se dividem em vítima e agressor e possíveis testemunhas.

Vítima/agressor é a denominação dada àquelas crianças que são tanto vítimas como agressoras. Diferenciam-se dos agressores e vítimas típicos por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição entre seus colegas. (LOPES, 2005 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 36).

A vítima é atacada e o agressor ataca a vítima sem pudor nenhum; causar dor e desconforto ao outro é o objetivo principal de suas ações. As testemunhas são expectadores das ações, podem encorajar ou inibir ação do agressor.

As testemunhas são aquelas crianças e adolescentes que não se envolvem diretamente em bullying, mas participam como expectadores. Grande parte das testemunhas sente simpatia pelas vítimas e se sente mal ou triste ao presenciar colegas sendo vitimizados. (BANDEIRA, 2009; BERGER, 2007 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 36).

O agressor é sempre alguém mais forte que se denomina superior e a vítima é aquela pessoa retraída e tímida que se apresenta mais vulnerável ao agressor. Alguns agressores já foram agredidos e reagem reproduzindo algo já vivido.

O fenômeno bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora), que ocorrem sem motivação evidente e de forma velada, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro uma relação desigual de poder. (BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 58).

“Em âmbito escolar, são diversas as manifestações de violência: algumas são direcionadas a professores e a funcionários; outras, a alunos”. (BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 59)

Perseguições, apelidos, brincadeiras agressivas contribuem fortemente para desistência de alunos, além de deixar marcas e experiências negativas para toda vida. É um problema que tomou tão grande proporção e hoje assola todas as escolas no mundo. Dizer que não há nenhum caso de bullying em uma escola é evidente e notório de que a escola não quer admitir ou tentar enfrentar o problema.

A partir do momento que uma pessoa tem a intenção de causar constrangimento, danos físicos, insultar, humilhar se caracteriza Bullying, seja ele físico ou verbal que deixará marcas permanentes e que ocorrem sem um motivo evidente.

São alunos (as) que somente sofrem bullying. Normalmente, não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos. São, geralmente, poucos sociáveis, inseguros e têm problemas para se adequarem a grupos de alunos. Apresentam aspectos físicos diferenciado dos padrões impostos por seus colegas (magro e/ ou gordo) e tem pouco rendimento nos esportes e em lutas devido à coordenação motora pouco desenvolvida. (NETO, 2003; FANTE, 2005 apud BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 62).

O agredido é a peça mais prejudicada dessa prática que afeta diretamente no rendimento escolar, na autoestima e na socialização da vítima e em casos mais graves causam males como depressão, bulimia, alergias e até ideias suicidas.

São os (as) aluno (as) que só praticam bullying. Os autores são indivíduos que tem pouca empatia. Além disso, são mais fortes do que seus colegas de

classe, o que lhes dá vantagem em determinadas brincadeiras, esportes e lutas. Frequentemente pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. (NETO, 2003; FANTE, 2005 apud BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 63).

O agressor pode ser desde um encantador para atrair suas vítimas, como acusador, ardiloso, enganador, vingativo, sarcástico, abusivo e violento.

São os(as) aluno(as) que não sofrem nem praticam bullying, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre. As testemunhas, representadas pela maioria dos alunos, convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as "próximas vítimas". O medo e a dúvida sobre como agir e a falta de iniciativa da escola são fatores que acabam promovendo um clima de silêncio e de omissão nas testemunhas. (LOPES NETO, 2003; FANTE, 2005 apud BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 64)

As testemunhas incitam e de tal forma estimulam o agressor a prolongar suas atitudes, se tornando parte integrante desse processo de controle e dominação. Vivem inseguras e com medo de se tornarem a próxima vítima.

A seguir será apresentado como o bullying se apresenta de acordo com o sexo do agressor.

4 BULLYING E AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

As diferenças de gênero vêm nos mostrar que até mesmo na prática do bullying meninos e meninas, homens e mulheres agem e reagem de maneiras diferentes.

Desde antigamente já existiam diferenças na forma de tratar os homens e as mulheres. Os homens sempre foram sinônimo de força, menosprezando e incapacitando a ação da mulher.

“Vamos aprendendo a ser sujeitos generificados desde o momento em que nascemos e essa aprendizagem ocorre não somente nas instituições sociais formais como a família e a escola”. (RAEL, 2003, p. 170).

Diferenças entre homens e mulheres, meninos e meninas vão sempre existir, mais essas não podem interferir no convívio social dos mesmos.

[...] por muito tempo as atividades corporais e esportivas (a ginástica, os esportes e as lutas) não eram recomendadas às mulheres porque poderiam ser prejudiciais à natureza de seu sexo considerado como mais frágil em relação ao masculino. (GOELLNER, 2003, p. 31).

Essas ações desde muito cedo são machistas e inferiorizam as mulheres. A mulher era vista como frágil e delicada incapaz de realizar tais atividades antes direcionadas somente aos homens. Saffioti nos mostra alguns exemplos disso: “Quando se afirma que é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se rigorosamente, naturalizando um resultado da história.” (1987, p. 11).

Antigamente as mulheres eram apenas donas do lar, viviam em função das atividades de casa, excluindo-as do espaço público, até mesmo o voto não era permitido a elas.

“Na tentativa de inculcar nos seres humanos a ideologia da ‘inferioridade’ feminina, recorre-se frequentemente ao argumento de que as mulheres são menos inteligentes que os homens.” (SAFFIOTI, 1987, p. 14).

Tentando prejudicar e impedir o desenvolvimento feminino, a inteligência das mulheres era dada como inferior à do homem.

Saffioti ao conceituar gênero diz que: “rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída.” (1987, p. 10).

A identidade do indivíduo seja ele homem ou mulher será construída através das vivências em sociedade, através dos costumes e crenças que o grupo em que eles estão inseridos impõe. A autora nos diz que apesar das diferenças, a identidade social do sujeito não é determinada pelo sexo e será através da educação que eles se tornarão homens e mulheres.

A sexualidade não enfatiza e não determina competência do homem ou da mulher. Certo de que o machismo ainda existe, na nossa realidade as mulheres ocuparam e alcançaram seu lugar na sociedade.

Referir-se a meninos e meninas ou a homens e mulheres, sempre na forma masculina, independente da produção numérica, longe de parecer um ato inofensivo- aprisionado na comodidade da norma instituída- favorece a manutenção de uma tácita 'superioridade' de um gênero sobre o outro e inviabiliza a menina, a garota, a mulher e a idosa. (FURLANI, 2003, p. 70)

“Sim, meninos e meninas são diferentes. Eles têm interesses, níveis de atividade, limiar sensorial, força física, reações emocionais, estilos de se relacionar, intervalos de atenção e aptidões intelectuais diferentes.” (ELIOT, 2013, p. 11). Mas isso é na maioria dos casos decorrente das inúmeras intervenções sociais que desde pequenos já estimulam através de brinquedos, brincadeiras, e do que a criança observa no seu entorno que é altamente gendrado. Os brinquedos oferecidos às meninas: bonecas, casinhas.

Eliot nos fala que: “a preferência por brinquedos típicos de gênero surge por volta do primeiro aniversário” (2013, p. 130). Mas essas preferências são decorrentes dos estímulos oferecidos pelos adultos desde o nascimento da criança. As meninas e os meninos recebem brinquedos e participam de brincadeiras diferentes desde o nascimento. Também começam a sofrer cobranças distintas em relação ao comportamento.

“Os meninos são muito físicos em seu brincar. Parece que não conseguem deixar de testar sua força, resistência e dominação brincando de brigar.” (ELIOT, 2013, p. 147).

Os meninos são mais inclinados a brincadeiras brutas, mas, sem parceiros ou pais que tolerem isso, essa tendência não se expressará tão fortemente. Comparações culturais cruzadas contam a mesma história. Embora o brincar turbulento seja universalmente comum em meninos que em meninas, ele também é mais comum, e mais violento, em algumas sociedades. (ELIOT, 2013, p. 150).

Meninos e meninas possuem uma educação diferenciada. Os meninos sentem a necessidade de confirmarem sua masculinidade e muitas das vezes se fazem de valentões para expressar essa virilidade, usam da força bruta para conseguirem o que querem, já as meninas não necessariamente, elas não sentem e não tem essa mesma necessidade de provar algo ou alguma coisa, no caso à feminilidade.

“O brincar das meninas frequentemente imita a vida familiar. Elas gostam de brincar de casinha, revezar-se no cobiçado papel de Mamãe, que pode dar colo, mamadeira e embalar o bebê, além de mandar em todo o mundo.” (ELIOT, 2013, p. 154).

As diferenças de gênero são evidentes, essa diferença se dá na maneira de expressar, no brincar e até mesmo na prática do bullying.

“Meninos e meninas realmente têm interesses, capacidades e personalidades diferentes, o que é parte da graça de ter filhos de ambos os sexos.” (ELIOT, 2013, p. 24).

É fato de que as diferenças e preferências entre os sexos são evidentes, mas a interação se faz necessária, certo de que em meio a tantas divergências e desarmonia acontecem desentendimentos que muitas das vezes terminam em agressão física, ou seja, terminam em brigas.

O brincar do menino e o da menina tendem, cada um, a exercitar algumas habilidades mentais mais que outras; se cada sexo só brinca na sua ‘zona apropriada’, as crianças acabarão fortalecendo as mesmas áreas cerebrais que já tendem a funcionar melhor desde o nascimento. (ELIOT, 2013, p.158)

Afinal, meninas e meninos já são submetidos a experiências diferenciadas a milhões de anos. Segundo Lerner, houve 2.500 anos para se consolidar – de 3100 a.C. a 600 a.C. (1986 apud RICHARTZ, 2007). Por isso que as diferenças hoje são tão nítidas.

[...] a menina é carinhosa, delicada, meiga e o menino é durão, corajoso, e forte. Outra forma de a linguagem atuar demarcando desiguais diferenças é ‘pelo uso ou (não) do diminutivo’ (menininha, bonequinha, princesinha) e o aumentativo para os meninos garotão, menino, filhão) ou ainda ‘pela escolha dos verbos’ (o menino é educado para trabalhar, a menina para maternar). (FURLANI, 2003, p. 70).

Sabendo dessas diferenças podemos dizer que maiores ainda são as divergências na prática do bullying. Meninos e meninas se comportam de maneiras distintas em todas

as ações do cotidiano ou em pelo menos em quase todas, certos disso afirmamos que em âmbito escolar não será diferente.

Segundo Maldonado:

Quantas vezes ainda confundimos masculinidade com aspereza e ensinamos os meninos que 'homem não leva desaforo para casa', ou 'quando alguém te der um tapa dê dois'. Estamos estimulando o reforço do ciclo de agressões, em vez de contribuir para criar recursos para interrompê-lo! Sem perceber, estamos dando força para os episódios de bullying. (2011, p. 98).

As diferenças podem influenciar muito no comportamento de meninos e meninas, e tão grandes são as mesmas que dificultam a tolerância e a convivência harmoniosa entre eles, o que dirá em momentos de raiva.

“Com relação ao gênero, os meninos apresentam uma maior frequência de envolvimento com o bullying: ora como autores, ora como alvos.” (BALLONE, 2005 apud BOTELHO; SOUZA, 2007, p. 64).

A agressão física e a ameaça verbal são mais utilizados pelos meninos, enquanto as meninas utilizam formas mais indiretas do bullying, como o uso de apelidos, fofocas e exclusão do grupo social. (SHARP; SMITH, 199 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

Meninos e meninas têm maneiras distintas de agir, meninos são mais agressivos, usam da força física para encobrir suas fragilidades e confirmarem sua masculinidade.

Os meninos vivem com medo de não cumprir as regras tão ditas do pertencimento: atitude bacana, não demonstrar sentimentos, fazer o tipo valentão ou machão, exercer bullying ou ser alvo dele, ser bom em esportes, não parecer sensível demais ou 'intelectual', ter boa aparência e nunca chorar, nunca pedir ajuda nem parecer ser próximo demais da própria mãe. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 22-23).

Fugir desse padrão imposto por eles mesmos, quebrar regras fazem deles possíveis vítimas, alvos de suma crueldade,

[...] os meninos aprendem cedo a cumprir o 'código dos rapazes' e a necessidade que sentem de usar uma máscara durante suas vidas. [...] com essa máscara, os meninos reprimem completamente sua vida emocional interior, e, em lugar dela, fazem o tipo valentão, tranquilo, desafiador, imperturbável, extravasando sua dor na forma de risadas. Eles podem se desenvolver fortes e silenciosos ou agredir com punhos e palavras beligerantes. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 23).

Meninos usam do bullying direto para atacar suas vítimas, aquele em que as vítimas estão presentes; usam mais da força física, ameaças, intimidações enfim meninos são mais agressivos que meninas e desde muito cedo regras como meninos não choram, a cor de menino é azul, menino não brinca de boneca, dentre muitas outras regras são impostas exigindo do menino um modelo de força, escolhido como sexo dominante.

A realidade do sexo feminino na prática do bullying é diferente.

“As meninas geralmente expressam atitudes mais positivas em relação às vítimas, são mais empáticas e dão mais suporte que os meninos.” (GINI; POZOLLI, 2006 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

O bullying praticado por garotas costuma ser mais insidioso, mas não por isso menos cruel. Fofocas, comentários maldosos e boatos espalhados pela rede de relacionamentos com o objetivo de destruir a reputação da pessoa atacada e ‘reduzi-la a pó’ são formas comuns de ataque, [...] (MALDONADO, 2011, p.27).

Meninas apesar de delicadas também fazem o uso da violência, muitas das vezes são estimuladas pelos ciúmes e pela inveja. Sorrateiramente manipulam, encurralam, fofocam e provocam suas vítimas na maioria das vezes sem serem notadas, agem de maneira silenciosa, passando quase sempre despercebidas.

“As meninas também podem utilizar a agressão física como intimidação, resultando em brigas em que uma puxa o cabelo da outra, dá unhas, tapas na cara, empurrões, socos, pontapés.” (MALDONADO, 2011, p.28).

[...], as meninas são pressionadas para se adequar a uma imagem específica daquilo que significa ser mulher, e sofrem pressão constante para pertencer, para ser parte de um grupo, para ser atraente (nem muito gordas nem muito magras), [...] roupas certas e depois atrair a atenção dos meninos. As que não se encaixam na imagem, são tímidas demais para lutar contra as regras ou não encontram um grupo ao qual pertencer e muitas vezes são alvo de bullies. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 23).

Meninas na prática do bullying são maledicentes, a arma mais usada por elas é a exclusão, porém com o mesmo propósito que os meninos; humilhar, intimidar e se divertirem com o sofrimento das vítimas.

Em geral, as meninas exercem o bullying de maneira diferente dos meninos. Elas tendem a espalhar boatos maliciosos, intimidar (sussurrando insultos ou rindo em grupo, alto o suficiente para que seus alvos escutem), destruir a reputação de outra, dizer a outras para que deixem de gostar de uma menina

de quem querem se vingar. Elas tendem a usar exclusão social como principal arma, em lugar de agressão emocional ou física direta, embora estudos indiquem que também elas têm se tornado cada vez mais agressivas fisicamente na última década. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 23-24).

Como vimos, as meninas são mais sutis na prática do bullying, mas nem por isso menos vingativas. Usam de apelidos, insultos, fofocas, calúnias e difamações, ou seja, praticam o bullying indireto, aquele em que não necessariamente a vítima estará presente. Uma série de aspectos como meninas não brincam de carrinho, precisam sentar de pernas fechadas, a cor de meninas é o rosa, meninas não soltam pum, são sensíveis e delicadas se tornam regras impostas ao sexo feminino, fazendo delas um exemplo de postura e comportamento.

Tais diferenças não podem ser deixadas de lado, pois tanto a escola, a família e a sociedade de modo geral as produzem e as reproduzem o tempo todo. Ao educar meninos e meninas, a escola educa também o aluno, o gordo e o magro, o branco e o negro, o alto e o baixo, pois não somos um a cada momento, somos isto e aquilo e, ao mesmo tempo, o outro.

Brigas, discussões e desavenças são comuns, sendo que o constrangimento, humilhação, intimidação devem ser banidos.

No que diz respeito ao bullying escolar, vimos que meninos e meninas expressam a agressividade de maneiras distintas, mas isso não faz do bullying uma prática de bem.

É necessário o respeito às diferenças, a superação, a cooperação de todo contexto escolar visando à solução efetiva para o problema.

Compreendendo como o agressor age e como a violência expressa, é mais fácil a escola poder intervir. É isso que será apresentado no próximo capítulo.

5 O PAPEL DA A ESCOLA NO COMBATE AO BULLYING

Sabendo que o bullying se apresenta de forma diferenciada dependendo do sexo do agressor, cabe à escola estar atenta às manifestações de violência para poder agir de forma eficaz.

Se a escola não cria estratégias para combater o bullying, ela deixa de ser um ponto de referência, lugar de fazer amigos, aprender a se relacionar, inteirar e a crescer juntos com o outro, deixa de ser um lugar seguro contra a violência que nos acerca.

E neste ambiente que as crianças têm a oportunidade de expandir sua rede de interações e relações para além da família, desenvolvendo autonomia, independência e aumentando sua percepção de pertencer ao contexto social. (CANTINI, 2004 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

Somos membros de uma sociedade onde a violência vêm derrubando paradigmas de escolas onde ela não existia. O bullying infelizmente faz parte da realidade escolar.

Há cada vez mais incidentes de agressões físicas, ameaças de bomba, danos à propriedade, desrespeito aberto à autoridade e ameaças dirigidas a colegas e professores. As crianças estão com medo de ir à escola e os pais têm cada vez mais receio de mandá-las. (MIDDELTON-MOZ; ZAWASDSKI, 2008, p. 75).

A escola desempenha papel fundamental na formação do caráter do indivíduo ensinando a relação e a convivência com as diferenças, o respeito à hierarquia e esse aprendizado é de extrema importância para o combate contra o bullying.

O ambiente escolar serve como cenário de vários processos e fenômenos grupais, dentre eles a violência escolar. O termo violência escolar se refere a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos. (LOPES, 2005 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

O ambiente escolar proporciona vários processos e vivências, dentre elas a violência. Cabe à escola dialogar, instruir, ensinar o respeito às diferenças. E adotar pequenas ações que se colocadas em prática com intensidade podem amenizar os casos de bullying.

É fundamental que a escola aja como um facilitador entre pais e alunos para encaminhar, orientar e resolver a questão. Um dos fatores que agrava ainda mais o problema é a omissão de professores e dos profissionais do ambiente estudantil.

Para começar a virar esse jogo, as escolas precisam, inicialmente, reconhecer a existência do bullying (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes. Bullying é um fato e não dá mais para botar panos quentes nas evidências. (SILVA, 2010, p.162).

A participação da escola no combate ao bullying é de suma importância na construção de uma vida nova para a vítima. A relação professor-aluno é muito relevante e nesse processo pode facilitar a identificação do bullying.

“A escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e adolescentes. Constitui-se em um espaço de convivência e aprendizagem.” (CANTINI, 2004 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

É nesse ambiente que as crianças têm a oportunidade de expandir sua rede de interações e relações para além da família, desenvolvendo autonomia, independência e aumentando sua percepção de pertencer ao contexto social. (CANTINI, 2004 apud BANDEIRA; HUTZ, 2012, p. 37).

A violência nas instituições de ensino se tornou algo sério, atos violentos vêm tirando a liberdade, a autonomia de nossos alunos.

A escola ideal é aquela que antes era vista como um lugar de proteção, lugar seguro onde os pais deixavam seus filhos, confiando que ali é um ambiente saudável e tranquilo, ali eles terão uma formação voltada para a cidadania, onde as diferenças são aceitas e respeitadas e não essa triste realidade que nos assombra nas instituições de ensino, onde o aluno agride aluno, professor agride aluno e vice-versa.

[...] sei que eliminar o bullying entre nossos jovens é uma tarefa árdua, cansativa e, por vezes frustrante. Entretanto, não podemos desistir, pois, em última instância, o que está em jogo é a esperança de vivermos numa sociedade mais justa e num mundo mais generoso para todos nós e para as próximas gerações. Aos herdeiros obrigatórios de nossos erros e acertos atuais, desejo coragem, com a certeza de que, neste momento, há muitas pessoas boas tentando lhes deixar um legado digno. (SILVA, 2010, p.175).

Existem, sim, formas e métodos de por um ponto final nesse mal que assola nossas escolas. O bullying pode e deve ser extinto da nossa realidade escolar, cabe aos alunos, professores, diretores, à escola em geral trabalhar em parceria com as famílias para amenizar esse mal que deixou de ser brincadeira há muito tempo.

5.1 Como combater o bullying e o cyberbullying

O combate ao bullying e o cyberbullying deve ser encarado como uma luta diária, pois os mesmos são complexos e variáveis. É errôneo pensar que essa causa não tem solução, quanto mais cedo ocorrerem interferências na esfera escolar mais chances de êxito terá o combate ao bullying na escola.

“A escola facilita a prática do bullying, pois reproduz em seu interior os modelos de corpos padronizados pela sociedade, e aqui, ao nos referirmos corpos, incluímos as posturas, atitudes, falas, vestimentas que o envolvem.” (PRÓDOCIMO, 2009, p. 83).

A mesma é formada por uma diversidade cultural imensurável, onde valores e crenças são totalmente distintos um do outro. Somos educados e criados de forma diferentes, por isso é normal reagirmos de maneiras diferentes. Os mais fortes e populares estabelecem um padrão de conduta onde os que não se encaixam são alvos de exclusão e preconceito.

Muitos dos ataques de bullying acontecem nos intervalos, momentos de entrada e saída dos alunos ou até mesmo fora da escola, no caminho de ida e de volta para casa, onde os alvos estão sem supervisão de adultos.

É fundamental que as escolas e as famílias estejam atentos a sinais de agressão a seus filhos, seus alunos. Cabe a eles a identificação de possíveis agressões, seja verbal ou física, pois muitas das vítimas, por medo de repressão, se fecham e não dividem com ninguém a situação de sofrimento.

A fim de parar o bullying e a violência no mundo de hoje, precisamos deixar de ser testemunhas silenciosas e fortalecer primeiramente a nós mesmos, e depois aos outros, para deixar de ser vítimas. Precisamos aprender a reconhecer o bullying e mostrar a seus perpetradores que não estamos mais dispostos a aceitar seu abuso nem a permitir que outros sejam vitimizados por eles em nossa presença. (MALDONADO, 2011, p.126).

Professores, pais e irmãos são as pessoas mais próximas das vítimas de bullying escolar ou até mesmo em casos de cyberbullying. Eles devem se atentar para as mudanças de comportamento das supostas vítimas, ao notar que o aluno está diferente, se excluindo das atividades em conjunto, sempre cabisbaixo, mais ansioso e inquieto que o normal, sem vontade de sair, de ir à escola eles podem estar expressando sinais de agressão.

Antes prevenir do que remediar. Este ditado popular é de muita relevância em casos de bullying e cyberbullying, pois a prevenção é necessária, devemos estar atentos a essa prática antes mesmo que ela aconteça. As supostas vítimas esboçam sinais de que algo errado está acontecendo, mas o faro perceptivo dos que o rodeiam deve estar aguçado para perceber e identificar tais casos.

É hora de reconhecermos as consequências danosas que o bullying traz ao nosso mundo. Nós, enquanto indivíduos, precisamos começar a tratar de nossa agressividade, de nossa vitimização e nosso silêncio e ter coragem para assumir responsabilidade por nossas escolhas para realizar mudanças. Precisamos ter a visão de um mundo sem medo. (MALDONADO, 2011, p. 147).

O bullying e o cyberbullying se tornaram algo muito sério. Tal prática violenta não pode ser mais omitida e vista como uma simples brincadeira. É imprescindível agir como dinamizadores na identificação e no combate a essa ação cruel.

Para que essa batalha tenha um final feliz, devemos fortalecer nossos guerreiros: exigir políticas públicas e privadas que disponibilizem recursos significativos para a formação intelectual, técnica, psicológica e pessoal de nossos educadores. Somente dessa forma eles poderão ter o comprometimento, o engajamento e a segurança de que necessitam para abraçar de corpo e alma essa causa heroica: educar nossas crianças e adolescentes para uma vida de cidadania plena, em que direitos e deveres que hoje só existem no papel sejam de fato exercidos e respeitados no dia a dia. (SILVA, 2010, p.174)

Resolver esse problema não é tão fácil. Educar para a paz se faz necessário, voltar à educação para a formação cidadã, onde a escola é vista como um ambiente saudável e seguro, onde todos saibam respeitar e conviver com as diferenças do outro. Essa realidade não pode ser aceita, nossas instituições de ensino devem ser como a segunda casa para o aluno, onde o conhecimento seja eficiente, mas sem dispor de um ambiente seguro e sem violência.

É necessária a cooperação de todos envolvidos na ação escolar, implementando programas de prevenção, trabalhando e exercitando o respeito à diversidade cultural, formando cidadãos conscientes da necessidade de uma sociedade mais justa e igualitária.

6 CONCLUSÃO

Hoje é reconhecido que o bullying, como fenômeno social, pode surgir em diversos contextos, como parte de problemas de relações pessoais entre adultos, jovens e crianças em diferentes locais.

Embora os professores se considerem conhecedores do assunto, mostram-se distantes com respeito ao problema que ocorre no interior da sala de aula, assumindo uma postura ora autoritária, ora de omissão, ocasionada por não saberem como intervir. O professor tem papel fundamental na prevenção e combate ao bullying na sala de aula, porém se ele adota uma postura ausente e não interfere nestes atos agressivos, o fenômeno continua presente.

A implantação de um programa para prevenir e reduzir o bullying, para que obtenha resultados positivos se faz necessário, mas é importante ressaltar que não existem soluções simples para a resolução do bullying, pois ele é complexo e variável. Entretanto, a cooperação dos professores, alunos, gestores e pais é uma das formas de tentar prevenir o bullying nas escolas. Portanto é necessária a cooperação de toda a sociedade, sobretudo: pais, alunos, professores, funcionários, enfim, todos que estão diretamente ligados com o contexto escolar para que o problema seja efetivamente controlado.

É fato que o combate a esta violência escolar é fundamental para a construção de uma sociedade diferente e mais justa. Quanto mais cedo ocorrerem as interferências na esfera escolar, teremos mais chances de êxito na formação de alunos-cidadãos comprometidos com uma sociedade ideal para se viver.

O Bullying é reconhecido como um fenômeno social podendo surgir em diferentes contextos.

Meninos e meninas expressam sua agressividade de maneiras distintas. Meninas são tão agressivas quanto os meninos, entretanto a expressão da agressividade apresenta diferenças de gêneros. Meninos estão mais envolvidos no bullying tanto como autores quanto como alvos, o bullying ocorre de forma direta, através de ameaças, roubos, agressões físicas, ofensas verbais, dentre outros.

A agressividade nas meninas é expressada através do bullying indireto, as mesmas usam de fofocas, apelidos, intrigas, exclusão, elas estabelecem um padrão de aprovação, onde quem foge do que é estabelecido pode vir a ser uma suposta vítima de bullying.

Os sexos são tratados de formas distintas e as expectativas geradas sobre seus comportamentos valorizam as agressões nos diferentes sexos. A expressão da agressividade pode variar devido ao grupo social em que cada um se encontra inserido, pela cultura, pela alteridade e ética social.

Portanto, é necessária a cooperação de toda sociedade, sobretudo pais, alunos, professores, funcionários, enfim, todos que estão diretamente ligados ao contexto escolar onde o problema deve ser efetivamente controlado.

Quanto mais cedo ocorrer a interferência na esfera escolar, mais chances de êxito teremos na formação dos alunos. É imprescindível que família e escola estejam sintonizadas na busca de soluções eficazes no combate a essa prática tão devastadora na vida daquelas crianças e adolescentes que vivem essa triste experiência.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Claudia de Moraes Bandeira; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2012.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José M. Capinussú de. Bullying Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, [S.l.], p. 58-70, ago. 2007.
- ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação**. Tradução Maria Adriana Verissimo Veronose. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 9-184.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. cap. 5, p. 66-81.
- GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. cap. 2, p. 28-40.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 50-51.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** São Paulo: Moderna, 2011.
- MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWASDSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- RAEL, C. Cláudia. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. cap. 12, p. 160-171.
- RICHARTZ, Terezinha. Gênero e patriarcado: da dominação-exploração às pequenas conquistas. In: _____. **Cotas e autonomia: paradoxos da implementação da lei de cotas para cargos no legislativo paulista nos partidos PT, PSDB E PFL**. 294 f. 2007. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. cap. 2, p. 26-60. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4590. Acesso em: 09 mar. 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2001. P. 8-20.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.